



UMA REFLEXÃO ACERCA DA PRÁTICA VIVENCIADA EM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Neila de Toledo e Toledo¹
Andréia Schmitz Fuck²
Maria Eduarda da Silva³
Fátima Peres Zago de Oliveira⁴
Marília Zabel⁵

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas no Estágio Curricular Supervisionado II do Curso de Licenciatura em Matemática do IFC Rio do Sul (SC). O Estágio foi realizado no ano de 2019, em uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental, do Centro Educacional Pedro Júlio Muller, localizado na cidade de Ituporanga (SC). Os aportes teóricos que sustentam as reflexões que apresentamos aqui, advém principalmente, das noções de Paulo Freire. O Estágio Curricular II teve seis intervenções que foram conduzidas pelas observações realizadas no Estágio Curricular I e o planejamento das aulas preparadas em conjunto com as professoras orientadoras e as estagiárias. A análise da prática docente durante o Estágio mostrou que: a) a postura crítica e reflexiva diante da realidade e a partir dela, é fundamental para buscar uma educação de qualidade; b) o professor precisa dominar o conteúdo matemático, respeitar os alunos, ser interativo com a turma, comunicativo e dinâmico; c) a relação entre a teoria e a prática deve permear todas as etapas do Estágio.

Palavras-chave: Estágio Curricular. Experiência. Prática Docente. Formação Inicial.

1. ALGUNS ASPECTOS INICIAIS

O Estágio Curricular II⁶ tem como finalidade proporcionar, promover, favorecer e oportunizar ao acadêmico, padrões éticos de qualidade da educação por meio da articulação entre a teoria e a prática. Com relação à prática do Estágio destacamos que, é um componente curricular complementar da formação inicial do futuro professor que consiste num conjunto de atividades e regras diversificadas e indispensáveis na formação profissional. Também, é nesse

¹ Doutora; IFC Rio do Sul; e-mail: neila.toledo@ifc.edu.br.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática; IFC Rio do Sul; e-mail: andreaschmitz@yahoo.com.

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática; IFC Rio do Sul; e-mail: maria.pibid.2017@gmail.com.

⁴ Doutora; IFC Rio do Sul; e-mail: fatima.oliveira@ifc.edu.br.

⁵ Mestre; IFC Rio do Sul; e-mail: marilia.zabel@ifc.edu.br.

⁶ Em atendimento à exigência do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal Catarinense - Campus de Rio do Sul, amparado pela LDB nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e Lei nº 11.788/08 sobre o ECSO (Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório) (REGULAMENTO DE ESTÁGIO, 2017, p. 2).



momento que, as acadêmicas encontram possibilidades de colocar em prática os fundamentos teóricos vivenciados durante o Curso de Licenciatura em Matemática.

Nesse ínterim, ressaltamos de acordo com Freire (2013, p.67) que, “a teoria sem a prática vira verbalismo, assim como a prática sem teoria, vira ativismo”. Desse modo, quando “se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (FREIRE, 2013, p.67). No processo de refletir sobre a prática, Freire (2008, p.40) complementa que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” Assim, “o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática” (FREIRE, 2008, p.40).

Nessa linha de entendimento, o Estágio como parte do processo de formação do professor de Matemática se distancia de uma racionalidade técnica, isto é, de uma fase estritamente instrumental (TEIXEIRA; CYRINO, 2015). O Estágio Curricular Supervisionado é composto por etapas que devem se complementar e principalmente, precisam ser conduzidas por uma reflexão crítica. Assim, o Estágio de observação, a orientação e o planejamento das intervenções, o Estágio de regência e o relatório final são passos que não devem só servir para cumprir protocolos (TEIXEIRA; CYRINO, 2015). Ou seja, as indagações, os questionamentos, os planejamentos colaborativos entre os diferentes sujeitos envolvidos, os diagnósticos de aspectos relevantes, buscando solução para se constituir como processo de formação, devem ser ativos durante todas as fases do Estágio (TEIXEIRA; CYRINO, 2015).

Nas palavras de Teixeira e Cyrino (2015, p.108) todas as ações no decorrer do Estágio podem se constituir um “campo fértil” para o desenvolvimento profissional de futuros docentes de Matemática na medida em que “[...] o futuro professor pode ser assumido e se assumir como protagonista em sua formação.” Com relação a isso, os autores destacam que, a experiência oportunizada pelo Estágio é a mola propulsora para o desenvolvimento profissional do estagiário e para a “[...] constituição de sua identidade profissional” (TEIXEIRA; CYRINO, 2015, p.82).

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular II por duas acadêmicas da 6ª fase do Curso de Licenciatura em Matemática do IFC Rio do Sul (SC). Para isso, o texto foi estruturado em 4 partes. Na primeira, consta uma breve introdução. Na segunda parte, mostramos a trajetória metodológica, isto é, o caminho percorrido no Estágio que analisamos neste trabalho. Na terceira, apresentamos a análise da experiência vivida no decorrer da prática do Estágio. Na quarta, e última parte, tecemos algumas considerações acerca do que propomos para este estudo.



2. O CAMINHO PERCORRIDO NO ESTÁGIO CURRICULAR II

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas nas atividades do Estágio Curricular II realizado por duas acadêmicas do Curso de Licenciatura em Matemática do IFC Rio do Sul (SC). Nesse momento, importa destacar que, o Estágio, foi efetivado no Centro Educacional Pedro Júlio Müller no município de Ituporanga (SC), com uma turma de sétimo ano, composta por quinze estudantes, sendo dois deles com NEE (Necessidades Educativas Especiais). A maioria dos estudantes, na época do estágio, residia no próprio bairro em que a escola estava situada, o que facilitava o seu deslocamento até ela e o comparecimento às aulas.

A partir de agora, vamos descrever alguns detalhes que consideramos importantes e que elucidam as etapas das seis intervenções realizadas com a turma destacada. Para iniciar, ressaltamos que as intervenções do Estágio foram realizadas com futuros professores organizados em duplas, sob a supervisão de seus orientadores. Desse modo, as estagiárias, autoras deste relato, faziam as intervenções em sala de aula conforme as orientações e o planejamento prévio, juntamente com suas orientadoras.

Nas primeiras intervenções em outubro foram utilizados textos e roteiros de atividades. Neste dia, verificamos uma diminuição no número de estudantes desde nossa última observação⁷ realizada no Estágio I, a turma estava calma, e houve poucos momentos de brincadeiras e distrações. Com o curso das observações foi notável o desenvolvimento de cada educando. Assim, não deixamos de nos preocupar com aqueles que demonstraram alguma dificuldade na disciplina. Importa ressaltar que, o Estágio Curricular II contou com seis intervenções realizadas no mês de outubro de 2019. O conteúdo matemático trabalhado no decorrer dessas intervenções foi Equações.

As intervenções realizadas no Estágio Curricular Supervisionado II, foram elaboradas pensando nos alunos que apresentaram algum aspecto que precisava ser trabalhado conforme o que se verificou no Estágio Curricular Supervisionado I. Para isso, utilizamos aulas dinâmicas e bem elaboradas, para que assim todos conseguissem compreender o conteúdo proposto, de forma colaborativa, e que cada estudante se sentisse à vontade em interagir durante as aulas.

⁷ Importa evidenciar que, o Estágio I é constituído somente por observações da Escola, da prática docente, da turma, etc.



Com relação à construção do contrato didático⁸, fizemos alguns questionamentos sobre o que a turma acreditava ser essencial para um bom relacionamento com os colegas e professores. Algumas palavras nos chamaram a atenção, tais como: “respeito”, “não brigar”, “bondade”, entre outras. Após a elaboração do contrato didático, foi entregue aos alunos um texto intitulado “Desigualdade Salarial entre homens e mulheres”⁹, que buscou explorar aspectos sobre a desigualdade social com foco no gênero da população. Após realizar a leitura do texto foi iniciada uma discussão sobre os termos “igualdade” e “desigualdade”, em que os estudantes apresentaram alguns conceitos em forma de conjecturas. Para desfecho da atividade, em conjunto com o texto havia um roteiro de questões que buscavam promover reflexões acerca da desigualdade de gênero e dos conceitos matemáticos apresentados. Com isso, pode-se ressaltar que, os estudantes fizeram a leitura do texto e mostraram interesse na aula, para propiciar a eles uma atividade diferente onde não envolvia apenas cálculos.

Para finalizar, foi dialogado com a turma sobre o significado do termo equação. O foco foi dado ao radical “equi”, com isso os estudantes deveriam citar algumas palavras que estivessem relacionadas com o radical. Os educandos então, citaram algumas palavras como “equilíbrio”, “equivalência”, “equidade”, entre outras. Segundo, Freire (2013, p.09), a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, a leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto, daí a importância de trabalharmos o significado das palavras também nas aulas de matemática.

Finalizando a aula, foi entregue uma atividade extraclasse, para que os alunos refletissem e interpretassem um problema matemático. Lopes et al. (2013) ressalta que, às atividades extraclasse possui uma função pedagógica importante, pois além de ensinar o educando a construir a autonomia e favorece o hábito de estudo. Na segunda intervenção que ocorreu no dia 09 de outubro de 2019 os alunos tinham autonomia para se organizar em grupos de até três indivíduos. Em seguida, entregamos a atividade e os orientamos para que a lessem com atenção. Diante disso, importa salientar segundo Ponte et al (2009) que o trabalho em grupo “[...] potencializa o surgimento de várias alternativas para a exploração da tarefa, o que

⁸ Segundo Brousseau (2008), é um conjunto recíproco de comportamentos esperados entre estudantes e professor, sendo mediados pelo saber.

⁹ Texto adaptado de SILVA, L. P. M. Propriedades e características da desigualdade; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/matematica/propriedadescaracteristicas-desigualdade.htm>> Acessado em 22 de setembro de 2019.



numa fase inicial pode ser complicado em termos de autogestão do grupo [...]”. (PONTE et al, 2009, p.30).

Na sequência, entregamos também uma balança feita de madeira, algumas não possuíam exatidão, pois a finalidade era mostrar as propriedades das equações. Ao finalizar a leitura, os estudantes começaram a desenvolver a atividade, colocando nos pratos da balança objetos diferentes de mesmo peso ou mais de um objeto e noutro prato apenas um, apresentando então o desequilíbrio, e provando que toda equação tem uma igualdade. Durante a realização da atividade os discentes foram registrando suas observações conforme a atividade orientava, e assim montando suas primeiras conjecturas.

Em seguida, introduzimos o conteúdo de equação, iniciamos apresentando os membros de uma equação “primeiro membro, sinal de igual (=), segundo membro”. Também apresentamos o termo “incógnita”, com isso retornamos à balança da última aula, mostrando que nela pode ser representado o primeiro membro e do outro lado o segundo membro. Conversamos com os alunos sobre a questão do equilíbrio da balança, assim representamos algebricamente, por exemplo “ $1Q=1Q$ ”, em que dizemos que, um quadrado é igual outro quadrado (lembrando que os objetos utilizados eram formas geométricas).

Na terceira intervenção, contamos um pouco da história da álgebra e iniciamos a conceituação, ou seja, mostramos formalmente o conceito de equações a ser trabalhado. Segundo Miguel e Miorim (2011), a abordagem histórica dos conteúdos facilitaria a significação e desmistificação da Matemática. Para esses autores, a forma lógica e natural como essa ciência é apresentada aos estudantes não reflete a forma como ela foi criada, por exemplo, por tentativas e erros ou recebendo a colaboração de diferentes povos em épocas distintas, entre outras formas.

Na quarta intervenção, começamos apresentando alguns exemplos de equações, para debate sobre os conceitos e formas de resolução de problemas. Além disso, fizemos alguns questionamentos para procurar fazer os alunos refletir sobre o processo algébrico de resolução. Como tarefa, oportunizamos situações problemas que envolveram a resolução de equações. A quinta intervenção, foi uma aula tradicional e expositiva, a partir de exemplos com resolução de problemas. Tanto na quarta como na quinta intervenções, para os estudantes especiais adaptamos a atividade, em que os mesmos tiveram que formar equações com apoio de figuras em acetato-vinilo de etileno (EVA). Já na sexta e última intervenção, continuamos com a resolução de problemas, porém nessa intervenção os próprios educandos criaram seus problemas e os resolveram. Após eles trocaram esses problemas com os colegas da sala e resolveram, e esse meio foi usado como um instrumento avaliativo.



3. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS INTERVENÇÕES

Esta seção, tem como propósito apresentar algumas reflexões sobre a experiência vivenciada durante o Estágio II. Na primeira aula, observamos que os estudantes estavam focados, prestando atenção durante as explicações a aula, em silêncio, com respeito e houve poucas brincadeiras entre eles. Também observamos que, a segunda professora era quem realizava atividades complementares com os dois discentes com NEE. Desse modo, conseguimos preparar materiais adaptados das atividades para eles também tivessem acesso ao conteúdo que estava sendo apresentado no decorrer das demais intervenções.

Assim, constatamos no decorrer das intervenções que, conseguimos incluir os estudantes com NEE. Nesse contexto, é pertinente afirmar que, um dos documentos norteadores da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 1994), apresenta que a educação inclusiva é um novo patamar fundamentado nos direitos humanos. Ou seja, o movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação (BRASIL, 1994).

Na segunda intervenção, introduzimos os conceitos de equação utilizando balança. Essa atividade proporcionou na turma uma discussão sobre quando colocamos “dois objetos de mesmo peso a balança fica equilibrada” ou que “quando colocamos objetos diferentes, mas com o mesmo peso, a balança ainda permanece equilibrada”, entre outros argumentos sobre o que ocorria com a balança. Para finalizar a aula, questionamos se os alunos haviam percebido alguma relação entre a balança e a matemática e se eles conseguiriam representa-la de alguma forma. Alguns conseguiram elaborar pequenas expressões, inclusive alguma das formas foi com algebrismo, por exemplo, “ $2c=9b$ ”. Mesmo não sendo exatamente uma equação podemos notar que já estavam tentando apresentar a ideia matematicamente. A avaliação se deu através da análise do engajamento, participação e comprometimento dos estudantes nos grupos.

Para essa aula, construímos uma atividade diferenciada para os dois discentes com NEE, para eles foi entregue a balança como nas demais intervenções. Com a balança foi entregue alguns números, sinais das operações, além de bolinhas de isopor. Com esse material, a segunda professora interagiu com os mesmos, auxiliando-os na realização da atividade. O



momento de inclusão dos estudantes ao conteúdo proposto é destacado pela UNESCO¹⁰ como sendo fundamental, pois assim as escolas reconhecem e satisfazem, “[...] as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, [...]” (BRASIL, 1994, p. 21).

Na terceira intervenção, contando um pouco sobre a história da álgebra, e em conjunto com a história apresentamos as equações. Com base nisso, Bicudo (1999) afirma que “O estudo da história das aplicações da matemática e dos seus usos nos mais diversos campos da sociedade - para além da história das grandes descobertas - pode ser de grande alcance tanto para a concepção dos currículos como para dar suporte à prática do professor na sala de aula”. (BICUDO, 1999 p, 97)

Na quarta intervenção, desenvolvemos uma aula tradicional e expositiva, a partir de exemplos e um diálogo aberto sobre o conteúdo, com resolução problemas. No método tradicional, tem-se como vantagem o fato de o professor ser o centro do aprendizado e, por esse motivo, possuir um maior controle das aulas (PINHO et al., 2010). Nessa aula, como ponto de partida, retomamos os conceitos de equação, instigamos os estudantes quanto ao que vimos na aula anterior. Observamos o que os mesmos lembravam, no início não falaram muito, mas no decorrer alguns dos estudantes se pronunciavam. Discutimos também, sobre a palavra incógnita, pois era uma das palavras das quais mais nos questionaram, então explicamos que o significado da palavra se trata daquilo que se desconhece e se busca saber. Ainda, apresentamos exemplos como “O dobro de um número somado com 20 é igual a 18. Qual o valor desse número?”, com esses exemplos começamos a mostrar a elaboração das equações, focando principalmente na parte do porquê somar ou subtrair quantidades numéricas de ambos os lados da igualdade.

Com esse exemplo, constatamos que para deixar o termo com incógnita “sozinho” na equação é necessário usar a operação inversa para poder zerar, multiplicar ou dividir, e com isso chegamos ao valor da incógnita. Após apresentar os exemplos, elaboramos alguns exercícios para que os discentes pudessem efetuar seus cálculos e assim dar seus “primeiros passos” na álgebra. Já para os discentes com NEE, entregamos uma atividade adaptada, onde eles formariam equações com números feitos em EVA, sempre com auxílio da segunda

¹⁰ (UNESCO) Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.



professora, ela sempre ia questionando o discente do que era, se era “x”, “qual número”, “sinal”, aonde iria na equação, e assim mediando essa construção desse conhecimento.

Durante a quinta intervenção continuamos com a resolução de problemas. Nesse dia, tentamos instigar os educandos a continuarem a resolver problemas. Na sexta intervenção, iniciamos a aula recapitulando o conteúdo visto na última aula. Na sequência, explicamos que os alunos deveriam elaborar um problema que envolvesse equações, e em seguida resolvessem cada educando elaborou uma questão e resolveu conforme solicitamos. Posteriormente, copiamos as questões elaboradas pelos discentes em outra folha e entregamos para que outro discente também resolvesse. Nessa perspectiva, o estudante está inserido no processo de ensino e de aprendizagem. Essa atividade foi desenvolvida como forma de avaliação, além de todas as atividades propostas em sala no decorrer das intervenções. De acordo com Luckesi (2011) que denomina essa forma de avaliação como “avaliação diagnóstica, contínua e cumulativa” em que “[...] interessa o que estava acontecendo antes, o que está acontecendo agora e o que acontecerá depois com o educando, [...], que olha para o ser humano como um ser em desenvolvimento, em construção permanente”. (LUCKESI, 2011, p. 2)

Para finalizar a escrita deste relato, evidenciamos conforme as palavras de Luckesi (2011, p. 114), que “[...] o estudante é aquele que, participando do processo, aprende e se desenvolve, formando-se como sujeito ativo de sua história pessoal quanto como da história humana.” Na análise da prática docente realizada durante o Estágio I é possível inferir que o professor precisa dominar o conteúdo matemático, respeitar os alunos, ser interativo com a turma, comunicativo e dinâmico. De modo que, a relação entre a teoria e a prática deve permear todas as etapas do Estágio Curricular.

4. PALAVRAS FINAIS

Nesta seção, que encerra o artigo, temos o propósito de elencar algumas reflexões que o estudo realizado nos possibilita ainda apresentar. Com o objetivo de analisar a experiência vivenciada no decorrer do Estágio Curricular Supervisionado II, o trabalho mostrou que foi um período em que buscamos vincular aspectos teóricos com práticos. Assim como, um momento em que procuramos assumir uma postura não só crítica, mas também reflexiva da nossa prática docente diante da realidade e a partir dela, para que pudéssemos efetivar uma educação de qualidade, o que é garantido em lei (BRASIL, 1996). Importa salientar que, conseguimos com êxito alcançar nossos objetivos ao trabalhar a introdução do conteúdo de equações, durante as



seis intervenções. Com relação aos dois alunos com NEE (como, já enfatizamos no decorrer deste texto), conseguimos elaborar atividades diferenciadas que visavam a participação e a compreensão do conteúdo que estávamos trabalhando.

No decorrer do Estágio, percebemos que, o professor precisa dominar o conteúdo matemático, respeitar os alunos, ser interativo com a turma, comunicativo e dinâmico. E ainda, o professor deve respeitar o ritmo da turma, e não só “jogar” conteúdos, não se importando com a aprendizagem dos discentes. A experiência do Estágio foi enriquecedora, pois nos mostrou como funciona uma escola, dando-nos uma visão de como uma Unidade Escolar opera com a fusão dos diferentes segmentos da escola, pais, estudantes, professores e o corpo técnico pedagógico, mantendo a equidade quanto a importância dos mesmos. Para finalizar, enfatizamos que, como futuras professoras sabemos das responsabilidades na formação dos educandos. De modo que, a escola é protagonista na construção do conhecimento, na formação de um sujeito indagativo e histórico-crítico, fundamental para a transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: UNESP, p. 97-115, 1999.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF:1996.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

BROUSSEAU, G.. **Introdução ao estudo da teoria das situações didáticas: conteúdos e métodos de ensino**. São Paulo: Ática, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática Goiânia**: MF Livros, 2008.

LOPES, C. E.; TRALDI, A.; FERREIRA, A. C. **O Estágio na formação inicial do professor que ensina matemática**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

LUCKESI, C. C. **De examinar para avaliar, um trânsito difícil, mas necessário**. In.: **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Ed. Cortez, 2011, p. 67-72.

LUCKESI, C. C. **Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola?**. In.: **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. – 22ª edição – São Paulo: Ed. Cortez, 2011, cap. 03, p. 45-60.



MIGUEL, A.; MIORIM, M. Â. **História da Matemática: propostas e desafios**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Coleção Tendências em Educação Matemática.

PINHO, S. T.; ALVES, D. M.; GRECO, P. J.; SCHILD, J. F. G. Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. Motriz: **Revista de Educação Física**. Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 580-590, jul./set. 2010.

REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE - CAMPUS RIO DO SUL, 2017. Disponível em: <http://matematica.ifc-riodosul.edu.br/?page_id=1122> Acesso em: em 24 março 2020.

TEIXEIRA, B.R.; CYRINO, M.C.C. T. O Estágio Supervisionado como Oportunidade de Desenvolvimento Profissional para Futuros Professores de Matemática. In: LOPES, C.E.; TRALDI, A.; FERREIRA, A.C. (Org.). **O Estágio na Formação Inicial do Professor que Ensina Matemática**. Campinas: Mercado de Letras, p.81-112, 2015.